

A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO NA OBRA *A METAMORFOSE*, DE FRANZ KAFKA

CONFIGURING SPACE IN THE WORK *METAMORPHOSIS*, BY FRANZ KAFKA

Lasaro José Amaral¹

Oziris Borges Filho²

RESUMO: A categoria espaço apresenta-se como elemento primordial na construção do texto de ficção. Na obra **A metamorfose**, de Franz Kafka, é possível observar a estrutura espacial na qual se desenvolve a trama. Gregor Samsa, após anos trabalhando como caixeiro-viajante, desperta apavorado de uma longa noite de sono. Avisado pela família que estava atrasado para tomar o trem e seguir para o trabalho, o mesmo percebe que não se encontra fisicamente apto para desempenhar a função que a profissão lhe exigia. O protagonista nota, lentamente, as transformações pelas quais seu corpo passa. Com dificuldades para movimentar-se, devido às mudanças físicas, o quarto configura-se como espaço de confinamento e de reclusão. Acostumado a deslocamentos diários para exercer a ofício laboral, repentinamente Gregor depara-se preso no quarto do apartamento onde vive com a irmã e os pais. O presente trabalho objetiva analisar os espaços descritos na obra bem como sua relação com a personagem Gregor Samsa. Tal estudo fundamentar-se-á pela teoria da Topoanálise de Borges Filho (2007). Para uma melhor análise e interpretação dos espaços descritos na narrativa, também serão utilizadas as teorias de Bachelard (2008), Brandão (2013), entre outros.

Palavras-chave: Espaço; Transformação; Literatura; *A metamorfose*.

ABSTRACT: The category space is presented as a primordial element in the construction of the text of fiction. In Franz Kafka's **The Metamorphosis**, it is possible to observe the spatial structure in which the plot develops. Gregor Samsa, after years of working as a traveling salesman, wakes up terrified of a long night's sleep. Warned by his family that he was late to take the train and go to work, he realizes that he is not physically fit to perform the job that the profession required. The protagonist slowly notices the transformations his body goes through. With difficulties to move due to physical changes, the room is configured as a space of confinement and seclusion. Accustomed to daily commuting to work, suddenly Gregor finds himself trapped in his apartment room where he lives with his sister and parents. The present work aims to analyze the spaces described in the work as well as their relationship with the character Gregor Samsa. This study will be based on Borges Filho's theory of Topoanalysis (2007). For a better analysis and interpretation of the spaces described in the narrative, the theories of Bachelard (2008), Brandão (2013), among others, will also be used.

Keywords: Space; Transformation; Literature; The metamorphosis.

1 INTRODUÇÃO

A categoria espaço tem ganhado notoriedade desde a última metade do século XX embora já tenha recebido atenção desde tempos mais longínquos. De maneira salutar, faz-se necessário dispensar pesquisas mais acentuadas no que tange ao estudo da tal

¹Mestre em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão. Professor de Língua e Comunicação da Faculdade Cidade de Coromandel - FCC. Contato: professornetinho@hotmail.com

²Doutor em Estudos literários. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem da UFG/Campus de Catalão. Professor de Teoria da Literatura da UFTM. Bolsita PET. Contato: oziris@oziris.pro.br

categoria em textos clássicos como, por exemplo, **A metamorfose**, de Franz Kafka. Por vezes, em congressos e/ou eventos que tratam dos estudos sobre a categoria espaço em uma determinada obra literária foi possível ouvir assertivas que fazer a análise espacial de uma obra que se passa em um ambiente restrito, como no caso da trama em questão, seria muito difícil. O protagonista, Gregor Samsa, não transita por vários espaços e mantém-se confinado a um quarto e, no máximo, a um apartamento. Embora essa afirmativa apresente um grau de coerência e verdade nos colocamos na tarefa de aplicar alguns conceitos da teoria do espaço na referida obra, principalmente a topoanálise. Tao termo foi primeiramente apresentado por Gaston Bachelard e posteriormente desenvolvido e ampliado por Borges Filho. Pode-se, nesse interim, afirmar que

Chamamos de topoanálise ao estudo do espaço na obra literária. Portanto, a topoanálise é a investigação do espaço em toda sua riqueza, em toda sua dinamicidade na obra literária. O topoanalista busca desvendar os mais diversos efeitos de sentido criados no espaço pelo narrador: psicológicos ou objetivos, sociais ou íntimos, etc. (BORGES FILHO, 2007, p. 33)

Com base em tais pressupostos verteremos nossos estudos nos quatro itens apontados pelo teórico de modo que os efeitos de sentido psicológico, social e íntimo receberão prevalência, não deixando de lado, é claro, efeitos de sentidos objetivos. A relação espaço-personagem também será analisada voltando-se para as topopatias, ou seja, relações afetivo-positivas ou afetivo-negativas entre ambos. “O neologismo **topopatia** significa a relação sentimental, experiencial, vivencial entre personagem e espaço” (BORGES FILHO, 2007, p. 157 Grifo do autor). Vale ressaltar que os objetos descritos na narrativa e a relação dos mesmos com o personagem devem ser levados em consideração. Também as cores de objetos e materiais assim como a luminosidade dos espaços implicam em significados diversos consoante à psicologia do personagem.

O clássico de Franz Kafka, **A metamorfose**, publicado pela primeira vez há mais de um século, mais precisamente em 1915, narra a história de Gregor Samsa, primogênito de uma família, cuja mesma era composta pelo pai, a mãe e uma irmã. A família vive, a princípio, bancada pelo caixeiro-viajante, o qual fez do trabalho seu objetivo de vida. A carga de trabalho intensificou-se principalmente quando da falência de um pequeno negócio que o pai administrava. Com a decadência financeira do pai, a mãe enferma de problemas respiratórios e a irmã ainda muito jovem para assumir um posto de trabalho e ajudar nas finanças da família, Gregor se vê como a única fonte de subsistência dos quatro. Após noite mal dormida devido a sonhos atribulados e pesadelos

o protagonista acorda atrasado para o trabalho e, percebendo um mal-estar, nota que algo anormal sucedera consigo. Metamorfoseou-se. De acordo com o narrador, “certa manhã, ao acordar de sonhos agitados, ainda na cama, Gregor Samsa descobriu que tinha se transformado num inseto monstruoso” (KAFKA, 2017, p. 5), transformação essa que afetaria o personagem até seu último dia de vida naquele mesmo apartamento, no mesmo quarto.

Os espaços apresentados na obra são bem restritos. Toda a trama desenvolve-se no apartamento da família, com exceção da ação final quando os pais e a irmã saem em um passeio após livrarem-se do ente não mais tão querido, Gregor Samsa. São descritos com maior riqueza de detalhes o quarto que pertencia a Gregor, a sala e a cozinha. Há poucas referências aos demais cômodos da residência bem como da parte externa. Importante que mesmo com poucas referências a tais espaços, as descrições da escadaria e também do hospital em frente à janela do quarto de Gregor apresentam-se ricos em significação. Passemos à análise desses espaços.

2 O ESPAÇO DO QUARTO: DO LOCAL DE DESCANSO AO MUNDO DE GREGOR

O quarto era o espaço no qual Gregor Samsa passava a maior parte do tempo quando estava em casa. Como dedicara a vida até então às viagens de negócio, devido à profissão de caixeiro-viajante, Gregor, quando chegava para o descanso no apartamento, recolhia-se ao aposento onde desenvolvia algumas atividades recreativas. Dentre outras coisas, gostava de preparar as amostras para a próxima viagem e fazer molduras para fotos. O narrador de **A metamorfose** descreve o quarto inicialmente da seguinte forma:

O quarto, o quarto normal de qualquer ser humano, apenas pequeno demais agora, estava ali silencioso entre as quatro paredes de sempre. Sobre a mesa, onde se espalhava uma coleção de amostras de tecido (Samsa era caixeiro-viajante), estava a foto que ele recortara de uma revista ilustrada pouco antes e arrumara numa bela moldura dourada. (KAFKA, 2017, p. 5)

A partir da descrição é possível notar que o quarto onde dorme o protagonista da trama tornara-se pequeno demais para comportar a figura que Samsa se transformou. O quarto, por conseguinte, passa a ser a morada, o espaço que desenrolar-se-á as ações que culminarão no confinamento, reclusão e morte de Gregor. De forma magistral, o texto literário de Franz Kafka constrói um espaço cuja trajetória do personagem se identifica claramente. No que diz respeito à psicologia do protagonista, nota-se no decorrer da

diegese uma relação espaço-personagem aquilo que acontece na vida de Gregor. O quarto do apartamento, a partir da transformação do indivíduo em inseto, torna-se seu mundo. Pouco sai desse local. Com o passar dos dias, Gregor opta por pouca iluminação e busca, com insistência, os cantos escuros. Os objetos expostos a ele como a cama, a escrivaninha, o guarda-roupa, o sofá e o tapete assumem funções específicas e representam parte da vida e também do que ele se tornara. Gregor apegava-se fortemente ao tapete. De acordo com Poe (2006 p. 1005) “A alma do aposento é o tapete. Dele se deduzem não só os matizes como as formas de todos os objetos circunvizinhos”. Assim como o tapete colocado ao chão, o dono do quarto também se sentia como um objeto rasteiro, a ser pisado. A afeição do personagem a tal mobiliário se intensifica à medida que fica restrito e confinado ao referido cômodo do apartamento. Tal parte da edificação, portanto, pode ser analisada a partir da perspectiva espacial, da seguinte maneira:

A categoria das edificações existentes no local onde vive ou se move a personagem pode indicar seu espaço social [...]. Tanto pode o espaço social ser uma época de opressão como o grau de civilização de uma determinada área geográfica. Outras tantas manifestações de tal conceito podem ser identificadas na classe a que pertence a personagem e na qual ela age: a festa, a peste ou a subversão da ordem. (LINS, 1976, p. 74-75).

O espaço do quarto refere-se, na maioria das vezes, como um local de privacidade e descanso. Não trataremos este caso como o quarto sendo um espaço dedicado ao relacionamento amoroso, o que pode vir a ser em várias narrativas, mas não no caso de Gregor Samsa. Ele era solteiro e não vivera até então grandes amores. Kafka (2017, p. 6 Grifo nosso) descreve o que Gregor imaginava: “[..] que trabalho exaustivo fui escolher! Entra dia, sai dia na estrada. [...] tenho de aguentar as dificuldades de viajar, a preocupação com as conexões de trem, a má alimentação, **os relacionamentos temporários e efêmeros que nunca tocam o coração**. Para o inferno com tudo isso”. O caso do protagonista de *A metamorfose* mais implica no que Lins chama de época de opressão porque o personagem fica a maior parte do tempo fechado naquele ambiente. É, impiedosamente, afastado do convívio com a família e principalmente com os demais seres humanos. Até mesmo a mãe é proibida de ultrapassar a porta do quarto para ver o filho. A justificativa é deveras humilhante ao jovem caixeiro-viajante: poupar a mãe de ver aquela criatura horrenda que se transformara o filho.

2.1 Os cantos do quarto

A estrutura de construção do cômodo de uma residência, seja ela apartamento ou uma casa, provém de modelos diferentes, mas, em grande parte desses locais podem ser observados cantos. Com formato retangular, o quarto de Gregor Samsa dava para a rua onde havia como vizinhança um hospital. Devido ao fato do personagem não mais conseguir ficar em cima da cama e optar pelo chão e o carpete, escolhia sempre os cantos escuros do quarto para refugiar-se da claridade e dos olhares e também da presença dos demais que habitavam o local. É possível notar em um trecho da obra como se dava a psicologia de Samsa quando na narrativa o autor afirma que, embora a luz adentrasse aquele espaço, o ocupante do mesmo preferia o baixo, o escuro. Estava escuro no local onde ele se encontrava assim como escura estava a vida Gregor:

O brilho das luzes elétricas da rua espalhava-se pálido em um canto e no outro do teto e nas porções mais altas dos móveis, mas embaixo, ao redor de Gregor, estava tudo escuro. Ele se arrastou lentamente até a porta, ainda tateando sem jeito, com seus apalpadores, que ele aprendera a valorizar, pela primeira vez, para checar o que acontecia lá (KAFKA, 2017, p. 33)

Naquele local, num canto do quarto, Gregor se sentia feliz e protegido do mundo e arrastava-se pelo chão para tentar ouvir o que se passava na sala ao lado onde o restante da família fazia as refeições ordinárias como café da manhã, almoço e jantar. Era na sala que os pais e a irmã se alimentavam e discutiam o futuro da família bem como o de Gregor. O que fariam com ele? Melhoraria? Voltaria a trabalhar e sustentar a casa? Essas eram as grandes preocupações deles enquanto Gregor apenas se atentava em não causar problemas e contrariedades aos parentes.

O canto do quarto representa, nesse caso de Gregor Samsa, um espaço de confinamento, de recolhimento em detrimento de espaços abertos e frequentados pelos demais que habitam o apartamento. Bachelard afirma que

O canto é um refúgio que nos assegura um primeiro valor do ser: a imobilidade. Ele é o local seguro, o local máximo de minha imobilidade. O canto é uma espécie de meia-caixa, metade paredes metade porta. [...] A consciência de estar em paz em seu canto propaga, por assim dizer, uma imobilidade. (2008, p. 146)

Tal afirmativa descreve de maneira sucinta e cabal o que se passava com o protagonista de **A metamorfose**. Eram exatamente esses os sentimentos que

perpassavam o íntimo de Gregor Samsa. Ele se encontrava imóvel, introvertido e sem vontade de ser percebido.

O espaço do quarto condiz cada vez mais com a transformação por que passara Gregor. De um homem trabalhador e esforçado com o objetivo de oferecer condições mínimas de dignidade e sobrevivência à família a um inseto vertido em um quarto do apartamento que alugava para a família viver. A falta de iluminação dentro do quarto, a luta contra os clarões que a luminosidade da rua lançava dentro daquele ambiente assim como a opção pelos cantos escuros refletem bem a projeção psicológica da personagem. De acordo com Borges Filho (2007, p. 36) “Inúmeras vezes o espaço é projeção psicológica da personagem. E essa projeção pode ser de uma característica intrínseca da personagem ou de um estado momentâneo”. Há, nesse trecho da narrativa, uma ratificação do estado da personagem. A princípio, era uma condição momentânea em que Gregor esperava se libertar. Com o passar dos dias, conformava-se cada vez mais com a situação e assumia características de permanência em tal estado.

À medida que a vida e existência perde sentido a vivacidade dos objetos que complementam cada espaço habitado bem como a percepção das cores que rodeiam o indivíduo interferem na maneira como o mesmo percebe as coisas a seu redor. “Percebemos a individualidade de um ente à medida que o percebemos em contraste com aquilo que se diferencia dele, à medida que o localizamos. Só compreendemos que algo é ao descobrirmos onde, quando, como - ou seja: em relação a quê – esse algo *está*” (BRANDÃO, 2001, p 68).

Num trecho em que o narrador de **A metamorfose** faz uma referência ao hospital existente do outro lado da rua do apartamento da família Samsa fica perceptível o quão a vida perdeu para Gregor a graça e a beleza das cores. De acordo com Chevalier e Gheerbrant

A cor cinzenta designaria na simbologia cristã [...] a ressurreição dos mortos. Os hebreus se cobriam de cinza para exprimir uma imensa dor. Entre nós, o gris-cinza é uma cor de luto aliviado. A grisalha de certos tempos brumosos dá uma impressão de tristeza, de melancolia, de enfado. (2015, p. 248)

A alegria e a graça nas coisas, a vontade de viver diminuía consideravelmente. Tal tristeza e melancolia ficam evidentes na frequência do uso do termo/ cor cinza, cinzento.

O fato era que dia após dia ele (Gregor Samsa) percebia as coisas com cada vez menos clareza, até mesmo o que não estava tão distante: o hospital do outro lado da rua, a tão frequente visão que ele antes xingava,

não estava mais nem um pouco visível e, se ele não estivesse precisamente ciente de morar na quieta, mas completamente urbana rua Charlotte, poderia acreditar que, de sua janela, divisava **um deserto sem elementos**, no qual o céu **cinza** e a terra **cinza** se misturaram e ficaram indistinguíveis (KAFKA, 2017, p. 46 Grifo nosso).

A percepção dos espaços diminui ao passo que a existência de Gregor torna-se mais insignificante, sem sentido. Não costumava mais ir à janela para observar a vida que transitava na rua a qual tinha acesso. Também não conseguia ver nitidamente o hospital do outro lado. O personagem não gostava do hospital. Não fica claro na narrativa o motivo pelo qual da antipatia pelo estabelecimento, mas tal fato contribui para uma análise mais cuidadosa. Se se levar em consideração que o espaço do hospital se apresenta grande parte das vezes como um local em que se depara com pessoas enfermas, doentes, necessitando de ajuda, depreende-se que Gregor encerrava pavor de tal situação e, sem dúvida, era nesse estado que então se encontrava.

Necessitava do auxílio da irmã para desempenhar as tarefas mais simples como, por exemplo, servir-se nas refeições comuns do dia. O fato é que há, na descrição dos espaços, uma semelhança com a vida de Gregor. Falta de movimento, cores apagadas e a representação de um local inóspito e sem vida, o deserto. Deserta também se fazia a vida do personagem ao passo que ninguém da família o queria por perto. Tornou-se um estorvo para todos, imprimindo-lhes a obrigação de cuidar e vigiar suas ações. Mantê-lo dentro do quarto era a forma mais segura de inibir maiores constrangimentos e problemas, seja para os entes da família ou por ventura a quem viesse entrar no apartamento, como por exemplo, a empregada.

2.2 O esvaziamento do quarto: espaço angustiante

A irmã, ao perceber a dificuldade de movimentação de Gregor, decide retirar a mobília do quarto dele. Destinada a executar a tarefa, porém com receio da reação do pai, requisita ajuda à mãe para colocar em prática o anseio. A última, com desejo de adentrar o espaço do quarto e pelo menos ver o filho, concorda com a tarefa. Porém, inquire a filha se o irmão gostaria mesmo de ficar sem nenhum dos objetos que compunha o quarto. Gregor não conseguia comunicar-se com as mulheres e isso suscitava dúvida na matriarca se ele concordava ou não com a tarefa que empreendera a irmã Grete.

Gregor desenvolvera a capacidade de rastejar não apenas no chão, mas também nas paredes e no teto. Já a essa altura ele dominava grande parte das habilidades que o

novo corpo lhe oferecia. Mantinha a capacidade de ficar de cabeça para baixo e, se por ventura viesse a cair, já conseguia prever a queda e enrijecer a armadura do corpo para não se ferir gravemente. Grete percebeu que os objetos dispostos no quarto poderiam atrapalhar de alguma maneira o irmão a movimentar-se. Além da movimentação, uma possível queda de Gregor no chão seria menos problemática e perigosa que em cima de um ou outro móvel. De acordo com o narrador,

A irmã notara imediatamente a nova brincadeira que Gregor encontrara para si (pois, ao rastejar por todo canto, ele deixava para trás, aqui e ali, traços de um troço grudento) e então teve a ideia de tornar o zanzar de Gregor o mais fácil possível e, para tanto, remover a mobília que ficava no caminho, principalmente a cômoda e a escrivaninha (KAFKA, 2017, p. 50)

Porém, esse não era o desejo do irmão de Grete de modo que ficou a espiar o que a mãe e a irmã faziam. Sendo a cômoda muito pesada, elas conseguiram empurrá-la apenas até no meio do quarto. Isso poderia bloquear a movimentação de Gregor pelo recinto, único espaço do apartamento onde gozava de livre circulação. Preferia, contudo, esconder-se nos cantos ou, como na maioria das vezes, embaixo do sofá. Com esperanças de que o filho ‘retornasse’ à condição anterior, ou seja, de um ser humano, a mãe põe-se a imaginar: “Acho que seria melhor se tentássemos manter o quarto exatamente na condição em que estava antes, para que, quando Gregor voltar para nós, ele encontre tudo intocado e possa se esquecer desse íterim mais facilmente” (KAFKA, 2017, p. 52). Em caso positivo, o espaço revelaria ao filho que a família o queria bem e o amava como antes. Mantendo as características originais do quarto tal espaço guardaria as memórias de Gregor. Mas não é o que acontece. A transformação fazia-se irreversível de forma que quanto mais o tempo passava e Gregor perdia contato com a sociedade, com indivíduos sociáveis, assimilava com veemência sua condição de inseto monstruoso.

O plano de esvaziamento do quarto prossegue e, pouco a pouco, são retirados os objetos. Não apenas a escrivaninha e a cômoda como também quase todo o resto da mobília, com exceção de um móvel significativo para Gregor: o sofá. Por mais que a mãe insistisse que o filho precisasse da mobília, a irmã convencia-se ainda mais que tudo deveria ser tirado dali. Mas, uma pergunta se faz: por que deixar apenas o sofá? Analisemos, por dois ângulos. Primeiro, que tal objeto era usado como refúgio para Gregor uma vez que ele sempre corria e se escondia debaixo do mesmo quando a irmã aparecia para alimentá-lo ou, raras vezes, para limpar o quarto. Mas, em segundo lugar, e mais precisamente por interesse da moça: evitar a imagem do inseto monstruoso que se

transformou o irmão. O sofá tornou-se para ela um escudo que a protegia da figura horrenda que o irmão representava após aquela noite de sonhos agitados.

Apenas a Grete era permitido acesso ao quarto de Gregor e o fazia cada vez com menos frequência. Já havia aproximadamente dois meses que acontecera a transformação do irmão e nenhuma melhora fora percebida nele. De fato, quanto menos necessário fosse adentrar o espaço onde habitava Gregor seria menos penoso à família, principalmente para a personagem Grete que executava a tarefa de funções domésticas no local. Por mais que Gregor se esforçasse para enxergar bondade ou pelo menos boa vontade na atitude das mulheres da casa em limpar o quarto, ele, com um certo peso na alma, não acreditava mais em tal prerrogativa. Portanto,

Embora Gregor ficasse repetindo para si mesmo sem parar que na verdade nada de incomum estava acontecendo, que eram apenas uns móveis sendo rearranjados, logo ele teve de admitir para si que os movimentos das mulheres daqui para lá, o que conversavam baixinho, o raspar do móvel no piso o afetavam como uma imensa e exagerada comoção que vinha de todo lado e com a firmeza com que retraía a cabeça e as pernas e pressionava o corpo no piso ele precisou admitir que, sem equívoco, não seria capaz de suportar aquilo tudo por muito mais tempo. Estavam limpando o quarto dele, tirando-lhe tudo que ele adorava (KAFKA, 2017, p. 55)

O espaço quarto, cujo mesmo transformara-se tempos atrás em um reino para Gregor, começa a se desfazer completamente. Era um refúgio e, portanto, havia uma relação afetiva entre espaço e personagem. Borges Filho (2007) afirma que tal relação pode ser definida como topofilia, ou seja, uma relação agradável, de quase um êxtase entre ambos. Os objetos mantidos no quarto traziam lembranças boas a Gregor. Ele se sentia bem ao lado deles e, no caso do tapete e do sofá, até os via com certa utilidade física. Os demais, como no caso da escrivaninha, suscitavam lembranças boas de quando era estudante, seja do primário ou do curso de administração, na faculdade.

Agora, porém, retiraram tudo dele. Desejavam, segundo ele, seu completo abandono. Gregor, muito apegado à moldura que fizera e colocara uma foto de recorte de revista, decide pousar-se em cima dela para que não a retirassem também. Grete percebe que o irmão saiu debaixo do sofá e agora estava totalmente visível, grudado à parede em cima do quadro. Com o intuito de não deixar a mãe deparar-se com tal visão tenta, disfarçadamente, induzi-la a descansar um pouco. A mãe, na teimosia, insiste em entrar novamente no quarto e vê o inseto monstruoso de cor marrom grudado na alvenaria. A partir de então sofre um desmaio no qual a filha tenta desesperadamente

reanimá-la. Com intenção de ajudar, Gregor sai do quarto e segue atrás da Grete, que assustada deixa cair algo cortante e corrosivo no rosto dele, ferindo-o. Já não mais apenas o quarto como também todo o apartamento se torna um espaço de opressão, de fobia para o primogênito da família Samsa.

Tudo que acontece no apartamento, desde a metamorfose de Gregor, apresenta uma conotação de tribulação, de desconcerto, de algo sobrando e/ou indesejado naquele local. Desse modo, e a essa altura, podemos inferir que há uma relação de topofobia entre o espaço do apartamento e personagem. Borges Filho (2007, p. 158) afirma que “a ligação entre espaço e personagem pode ser de tal maneira ruim que a personagem sente mesmo asco pelo espaço. É um espaço maléfico, negativo, disfórico”. Os espaços de deslocamento do protagonista somam-se, além do quarto, apenas a cozinha e a sala, onde vê a mãe desmaiada sendo socorrida pela filha.

O reflexo de sua imagem causou tamanho problema para a família que Gregor sentia-se extremamente culpado pelos incidentes. É o início de uma ação que implicará no seu fim. Um ferimento nas costas devido a uma maçã arremessada pelo pai com o objetivo de enxotá-lo para dentro do quarto novamente. “[...] nesse momento, alguma coisa lançada casualmente voou perto dele e caiu rolando à sua frente. Era uma maçã; [...] Gregor ficou parado, com medo. Não adiantaria mais fugir, pois o pai resolvera bombardeá-lo (KAFKA, 2017, p. 62). O ataque obteve sucesso qual um tiro certo quando atinge um órgão vital. O fim estava próximo.

3 A MAÇÃ DA MORTE

Gregor se sentia muito mal pelo fato de ter causado vários problemas à família desde que sofrera a transformação. Nesse momento, então, pesava mais ainda porque sua simples imagem implicara num susto tão grande da mãe que ela quase viera a óbito. Com a chegada do pai durante o ocorrido Gregor sofre um ataque de fúria. Ao ser enxotado para dentro do quarto de maneira espúria por um bombardeio de maçãs perdera quase toda capacidade de mobilidade. Uma das maçãs tem direção certa e o fere gravemente.

Da fruteira sobre o parador, o pai enchera os bolsos e agora, sem por ora mirar com precisão, jogava maçã atrás de maçã. Essas maçãs vermelhinhas rolavam, como se eletrificadas, pelo chão e colidiam umas com as outras. Uma maçã jogada sem força roçou as costas de Gregor, mas deslizou dali, inofensiva. No entanto, outra, jogada imediatamente

após aquela acertou as costas dele com muita força. Gregor quis arrastar-se dali, como se aquela dor incrível e inesperada fosse passar se ele mudasse de posição (KAFKA, 2017, p. 62)

A partir de então a vida, bem como a saúde do inseto monstruoso, sofrem reveses em sequência. Para não ser morto, a mãe precisou implorar ao pai que não cometesse tal ato de brutalidade e maldade. Gregor é açoitado com uma fruta extremamente simbólica. Uma maçã. Isso representa a decadência cada vez maior do filho do Sr. e Sra Samsa. A fruta que feriu gravemente Gregor ficou alojada no corpo dele e, como ninguém dispôs de sensibilidade para removê-la, a cada dia que passava em pior estado ele ficava. A maçã, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 572 Grifo nosso), representa “a árvore do conhecimento do bem e do mal: conhecimento unificador, que confere a imortalidade, ou **conhecimento desagregador, que provoca a queda**”. A destruição da vida de Gregor faz-se assim identificável de modo que ele enfurna no quarto e não volta a sair mais tão cedo.

Devido à sua dificuldade de locomoção Gregor recebe um alento, um ‘prêmio’ pelo bom comportamento. A família, talvez por remorso, e por saber que ferido oferecia menos riscos a todos, começou a deixar a porta do quarto aberta durante as refeições noturnas. A descrição do ambiente assemelha-se à existência de Gregor de modo que, enquanto os outros membros da família alimentavam-se à mesa farta, iluminada, ele permanecia na escuridão.

não obstante a piora de sua condição, em sua opinião, ele recebera recompensa de todo satisfatória, pois todo dia, ao anoitecer, a porta da sala de estar, em que ele tinha o hábito de pôr-se de olho com uma ou duas horas de antecedência, era aberta, de modo que ele, deitado na escuridão do quarto, invisível aos que estavam na sala, podia ver a família toda à mesa iluminada e ouvir a conversa, até certo ponto com a permissão de todos, situação bastante diferente do que acontecia antes (KAFKA, 2017, p. 65-66)

A configuração do espaço apresenta de maneira lógica a capacidade de adaptação da família no que tange a dividir o apartamento com a estranha criatura que se transformara Gregor. Percebendo que o filho debilitado pelo ferimento causado pela maçã atirada pelo pai, não oferecia riscos a eles permitiam-no ficar a observá-los e ouvi-los durante o momento das refeições. Tratavam de diversos assuntos os quais Gregor apenas refletia uma vez que não conseguia interferir e participar ativamente desses momentos de troca de ideias e perspectivas do que fazer num futuro bem próximo. Com o passar dos dias o quarto de Gregor transforma-se num espaço de sujeira e depósito de

tudo aquilo que não apresentava mais serventia. Um lixão, necessariamente. Passava despercebido. Assim, o quarto encontrava-se da seguinte maneira:

Riscos de sujeira percorriam as paredes; aqui e ali jaziam emaranhados poeira e lixo. Inicialmente, quando a irmã chegava, Gregor posicionava-se num canto particularmente sujo no desejo de, com essa pose, fazer uma espécie de protesto. Mas ele podia ficar ali por semanas sem que a irmã mudasse de conduta. O fato era que ela reparava na sujeira tanto quanto ele, mas decidira deixá-la como estava (KAFKA, 2017, p. 71).

Ainda que Gregor quisesse fazer-se enxergar, ser visto, notado, não adiantaria. O espaço do quarto havia se transformado em um local sem o mínimo interesse ao restante da família e, só ainda lhe davam comida por pura obrigação. Já não o consideravam como um membro, pessoa estimada, relegando-o ao esquecimento, jogado num canto.

A dificuldade de convivência entre os membros da família aumenta à medida que as complicações financeiras iam surgindo. O rapaz trabalhador, caixeiro-viajante dedicado, não mais conseguia obter dividendos para o sustento da família. O pai, então, volta a trabalhar. Gregor levanta hipótese de que, pelo uniforme, o pai estava trabalhando possivelmente em um banco. A família, para complementar as finanças de casa, resolve alugar um dos quartos do apartamento para três inquilinos que desconhecem a situação de que, no quarto ao lado, habitava uma criatura horrenda.

Gregor alimentava o sonho de voltar ao normal, reiniciar as atividades laborais, ganhar dinheiro e realizar um sonho da irmã: estudar música em um conservatório, pois a moça tocava violino. Custasse o que custasse sacrificar-se-ia para bancar os estudos dela. Certo dia, durante o jantar, entusiasmada pelo pai, a garota decide mostrar aos inquilinos o dom musical por meio de uma apresentação do instrumento de cordas na sala. Atraído pela melodia e também por amor à irmã, como que se encantado com a música Gregor sai do quarto em direção onde acontecia a apresentação.

Não se preocupando mais em ser visto fica totalmente aparente a todos. Um dos inquilinos o percebe e começa todo um momento de discussão e conflito entre a família e os locatários. Gregor é colocado para dentro do quarto novamente e, no dia seguinte, ao adentrar o quarto, a empregada percebe que Gregor estava morto. Agora, era apenas um último trabalho à empregada, que ela assim define: “Bem – respondeu a faxineira (sorrindo com tanta alegria que não pôde continuar falando de imediato) -, quanto a jogar fora aquela sujeira do quarto não precisam se preocupar. Cuidei de tudo” (KAFKA, 2017, p 92). Gregor foi uma sujeira que deixava a casa imunda e, agora, morto, foi jogado como um lixo deixando o quarto limpo e a família aliviada e feliz.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra **A metamorfose** apresenta espaço restrito de deslocamento dos personagens, principalmente o protagonista Gregor Samsa. À medida que se transforma num inseto monstruoso adquire uma existência monótona onde fica confinado ao espaço do quarto. Depende significativamente da colaboração dos membros da família, sobretudo da irmã, para receber o mínimo de atenção. A relação de Gregor com o espaço do apartamento caracteriza-se como uma distopia passando de um local agradável e de descanso a uma prisão, ambiente de opressão e confinamento.

O espaço do apartamento ocupado pela família Samsa apresenta uma semelhança muito grande com a psicologia do protagonista de modo que passa de um ambiente feliz e hospitaleiro a um local de tristeza, escuridão e morte. O caixeiro-viajante acostumado à vida mundana, de deslocamentos vê-se transformado num inseto e confinado num espaço opressor e distópico. O espaço descrito na obra apresenta, consideravelmente, significação direta com as ações de todas as personagens.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura** - introdução a Topoanálise. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BRANDÃO, Luís Alberto. **Tempo e espaços ficcionais**: introdução à teoria da literatura/ Luís Alberto Brandão, Silvania Pessoa de Oliveira. – 1. ed.- São Paulo: Martins Fontes; 2001.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Barueri - Sp: Novo Século Editora, 2017. Tradução de Caio Pereira.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo, Ática, 1976.

POE, Edgar Allan. **Ficção completa, poesia e ensaios**. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: Nova Aguilar, 2006.